

3 Abreviações

Conforme vimos na seção anterior, o desenvolvimento dos sistemas de comunicação acompanhou o do homem e o da sociedade. Nos séculos passados, a forma mais comum era a manuscrita, e as pessoas acabaram por criar várias formas de abreviação, a fim de alcançar uma maior rapidez ou simplesmente por julgarem desnecessárias as formas estendidas de algumas palavras dentro de determinados contextos da mensagem.

A seguir, veremos alguns tipos de abreviaturas e suas definições, para que se torne mais fácil nossa posterior análise de dados.

3.1 Definições

A abreviação é parte da palavra escrita que indica ou resume a palavra toda ou são letras ou sinais que representam uma ou mais palavras.

Essa definição, de Beltrão (1998), inclui no grupo de abreviações os seguintes elementos:

Abreviaturas – representações reduzidas de uma palavra, ou palavras, por meio da letra inicial, das letras ou sílabas iniciais ou das letras iniciais, médias e finais. Ex.: hist. = história; p. = página etc.

Siglas – constituídas das iniciais de nomes próprios ou das letras iniciais, médias e finais. Ex.: APAE = Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

Símbolos – letras ou sinais que representam uma palavra ou expressão. Poderão ser representados por letras ou por ideogramas. Ex.: H = hidrogênio.

Flexor (1991) ainda acrescenta subgrupos às abreviaturas:

a) sem indicar a parte que falta

a.1) Por suspensão ou apócope – quando é suprimido o final da palavra. Ex.: p. = página;

a.2) Por contração ou síncope – quando é suprimido o meio da palavra. Ex.: Dna = dona.

a.3) Com letras ou sinais superpostos. Ex.: mt.^o = muito.

b) indicando a parte que falta

b.1) sinais de significado fixo: - ou ~ (hífen ou til) podem indicar m ou n, ou ainda a contração de letras. Ex.: cõtê = contem, cõtavão = contavam.

b.2) sinais de significado relativo: dependem da letra em que se encontram ou da direção em que são colocados. Ex.: (-) colocado sobre o q: que; colocado na haste q: quem.

Segundo Beltrão (1998), devemos tomar cuidado quando utilizarmos formas abreviadas, pois há o perigo de não entendimento por parte de pessoas que não estão familiarizadas com determinadas abreviaturas.

Para termos uma visão mais ampla sobre as abreviações, acrescentarei a visão de gramáticos acerca do assunto.

Bechara (2003) define de forma tradicional e sucinta...

A abreviação consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só na fala coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

O autor comenta que a abreviação não é privilégio da fala coloquial, aparecendo também em outras ocasiões. É importante ressaltar que não há um comentário mais aprofundado em relação às estratégias de abreviação e seus propósitos nesse autor.

Já na *Nova gramática do português contemporâneo*, Cunha e Cintra (2001) fazem um comentário pertinente a esta dissertação no que se refere ao uso cada vez maior de abreviações, apesar de só contemplarem as siglas como formas de abreviar vocábulos:

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. (p. 116)

Inserindo-se no contexto atual, os autores tentam não apenas apresentar definições, mas mostrar, mesmo que superficialmente, quais as motivações do uso

de formas cada vez mais breves de comunicação, sem citar explicitamente o advento da Internet.

Vimos que, apesar de o conceito de abreviação e abreviatura parecer simples e consensual, há diferenças entre as abordagens adotadas pelos estudiosos: uns, privilegiando o conceito; outros, as motivações. Uns, tratando superficialmente; outros, aprofundando a questão e criando subitens.

O importante aqui é utilizar o conjunto de abordagens, de forma que os estudos se complementem uns aos outros em prol de uma melhor análise dos dados.

3.2 As influências da língua inglesa

A Internet, devido ao seu caráter global, acaba por difundir diversas culturas mundo afora. Como os detentores da tecnologia informática são de língua inglesa, assim como os “chefes” da economia mundial atual, esse é o idioma que domina o cenário virtual.

Por esses motivos, há, cada vez mais, uma “invasão” de termos em inglês em diversas línguas no mundo. Não é diferente com a língua portuguesa, que também tem feito empréstimos e incorporado palavras da língua inglesa ao seu léxico. Claro que a Internet faz com que esses empréstimos e essas incorporações ocorram em proporções bem maiores que na época das palavras abajur (do francês), xampu (do inglês) etc.

A Internet nasceu como um veículo de língua inglesa, e o inglês reteve o seu império. Ela começou como Arpanet, a rede da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada, no final da década de 1960, concebida como uma rede nacional descentralizada. Seu objetivo era ligar importantes instituições acadêmicas e governamentais norte-americanas, de forma que sobrevivessem a danos locais em caso de uma grande guerra. Sua língua era, portanto, o inglês; e quando pessoas em outros países começaram a formar ligações com essa rede, ficou provado ser essencial para elas usarem o inglês. (Crystal, 2005, p.32)

Conforme descreve David Crystal, a Internet surgiu como meio de comunicação em língua inglesa, com fins próprios. Porém, não haveria uma

manutenção da supremacia da língua inglesa se os Estados Unidos não continuassem fortes, tanto política quanto militarmente.

As abreviações usadas por falantes da língua portuguesa, muitas vezes são feitas usando como base a fonética da língua inglesa. Vejamos alguns exemplos:

- (1) 4ever: forever (para sempre)
- (2) B4: before (antes)
- (3) CUL8ER: see you later (veja você mais tarde)
- (4) GR8: great (grato)

Vemos, nos exemplos de (1) a (4), que é muito explorada a fonética dos números na linguagem de Internet na língua inglesa. A influência oral dessa linguagem é muito grande, já que, como podemos ver em todos os casos acima, a escrita não é a mesma. O que vale para o entendimento da mensagem é a pronúncia, ou seja, literalmente, (1) seria `four_ever`, (2) `be_four`, (3) `c_u_l_eight_er`, (4) `gr_eight`. Porém, a pronúncia do numeral four e da preposição for é a mesma, assim como acontece em (3) e (4).

Paiva (2004, p. 89), afirma, conforme já dito anteriormente, que o inglês tem sido adotado como a língua franca da Internet e, citando Noblia (1998, p.4), comenta que, juntamente com a língua inglesa, são transmitidos costumes e valores culturais:

O inglês tem sido adotado como a língua franca da Internet e, segundo Noblia (1998:4), *esta expansão da língua inglesa através da Internet também significa a expansão e a imposição, até certo ponto de forma inconsciente, dos valores de uma cultura.*

Já Crystal (2005, p.36), vê de uma forma diferente a expansão de uma língua para outros territórios:

Quando uma língua se espalha, ela muda. O simples fato de que partes do mundo diferem tanto umas das outras, física e culturalmente, significa que os falantes têm inúmeras oportunidades de adaptar a língua, para satisfazer suas necessidades de comunicação e adquirir novas identidades. A parte principal da adaptação será no vocabulário – não apenas novas palavras, mas novos significados para as palavras, e novas expressões idiomáticas.

Um idioma não chega a uma nova cultura e a modifica, pois ele tem de se adaptar ao novo ambiente, muitas vezes, mudando até mesmo mais do que o

idioma com o qual entrou em contato. “Quando o espanhol, por exemplo, adota palavras inglesas e as adapta, elas deixam de ser inglesas e se tornam espanholas.” (Crystal, 2005, p.56-7). No caso brasileiro, podemos citar o verbo inglês *to delete*. Quando o adaptamos para a língua portuguesa, ele passou a seguir a conjugação e a pronúncia da língua portuguesa.

Portanto, é um equívoco querer impedir o uso de palavras ou expressões de uma outra língua que não seja a dos falantes nativos, como já fora feito no Brasil, com a tentativa do deputado Aldo Rebelo, que enviou à Câmara dos Deputados uma lei que proibiria o uso de palavras ou expressões estrangeiras em território nacional, como vemos em seu texto “Culta e bela – É intolerável a avalanche de exotismos que ameaça a língua”, cujo título nos mostra o desconhecimento do jornalista a respeito da estrutura de uma língua:

O uso desnecessário, abusivo ou enganoso de palavra ou expressão estrangeiras será tratado como lesivo ao patrimônio cultural brasileiro. Os infratores serão punidos com multas de até 13 mil Ufirs (R\$ 12.610), sem prejuízo de sanções de natureza civil e penal pelo crime de corromper o idioma. A Academia será instada a rever as normas de incorporação de palavras.

O jornalista, hoje presidente da Câmara dos Deputados em Brasília, talvez não tivesse contato com obras de lingüistas e estudiosos da língua, como o autor David Crystal, que faz questão de alertar que “Nenhuma língua existe de forma isolada. Todas as línguas em contato se influenciam mutuamente.” (p.53) Neste sentido, afirma Bagno (2001):

não há como impedir a disseminação dos termos ingleses na área da informática, pois isso impediria a entrada, no país, de tudo que se refere à área (equipamentos, programas, computadores e toda a tecnologia a qual tais termos vêm aplicados).

Qualquer imposição sem o consenso da população está fadada ao fracasso, como defende David Crystal:

Qualquer política que opere de maneira exclusiva – declarando que um certo grupo de falantes não fala a língua ‘apropriadamente’ – encontra-se em uma rota para a autodestruição. (Crystal, p. 112)

Foi isso que aconteceu com o projeto do deputado. O caso ganhou destaque na mídia, promovendo um grande debate sobre o assunto e insurgindo estudiosos da língua, que acabaram por derrubar a lei antes mesmo que ela fosse aprovada.

Outro trecho do livro *Revolução na linguagem* nos remete à questão do uso de expressões em inglês em outras línguas:

...os jovens, por exemplo, acham muitas palavras emprestadas do inglês ‘bacanas’, de um modo que a geração mais velha não concorda, e sua expressividade fica fortalecida em consequência disso. (Crystal, p.55)

Talvez, justamente por perceberem que as pessoas mais velhas muitas vezes repelem o uso de expressões estrangeiras, principalmente em inglês, os jovens tendem a usá-las, já que a necessidade de serem “diferentes” é constante em um certo período da vida.

Os professores, ao perceberem o uso de estrangeirismos pelos jovens, não podem simplesmente ignorá-lo, “em vez de atacar os empréstimos, portanto, faz muito mais sentido desenvolver estratégias criativas para promover sua integração, na literatura, na escola, e na sociedade como um todo.” (Crystal, p.57-8).

Essa tendência em aproveitar a fonética de números (símbolos aceitos universalmente) não é exclusiva da língua inglesa, pois, como veremos mais à frente neste trabalho, esse “aproveitamento” já acontecia em língua portuguesa no século XIX.

Os exemplos de (1) a (5) são apenas uma mínima amostra dentro de um universo gigantesco de abreviaturas usadas na Internet por falantes da língua inglesa. O que vale ressaltar é que, por conta do crescente contato com tal idioma, os jovens brasileiros usam algumas dessas abreviaturas inglesas em suas discussões na Internet, principalmente as que exploram números, como 4U (for you), além de outras, como X (kiss) e, por extensão de sentido, XXXXX (kisses).

3.3

O Internetês fora da Internet

O Internetês, ou *netspeak*, vem se difundindo e “alargando seu campo de atuação”, não se restringindo apenas ao computador e ao celular. Crystal (2005) comenta a rapidez com a qual essa linguagem se espalhou:

...é de grande interesse notar o modo como as características do *netspeak* já começaram a ser usadas fora das situações de comunicação mediada por computador, mesmo tendo o veículo se tornado disponível para as pessoas somente na década passada. (Crystal, p. 95)

As próximas seções mostrarão alguns dos ambientes por onde vem caminhando o *netspeak*.

3.3.1 Telecine Cyber movie

No dia 1º de março de 2005, o canal de TV a cabo *Telecine Premium* lança o “Telecine Cyber Movie”, sessão em que as legendas dos filmes são escritas em linguagem de Internet. Essa sessão começou a ser exibida em apenas um horário, apenas uma vez por semana, e permanece com essa programação até a data de escritura desta dissertação.

Para facilitar a compreensão dos textos das legendas, o *site* do canal criou um pequeno dicionário de palavras que aparecem na legenda. Vejamos um exemplo de adaptação da legenda à linguagem da Internet:

– Eh msmo, kra? (– É mesmo, cara?)

As legendas são baseadas parcialmente na linguagem da Internet, já que, nelas, são usadas menos abreviaturas do que em *chats* e *blogs*. As estratégias mais comuns são:

- a) a substituição de acentos por h: *ateh* (até), *eh* (é), *jah* (já) etc.
- b) a supressão de algumas vogais: *msmo* (mesmo);
- c) o uso de *q* (que), *ñ* (não), *d* (de), *c* (*se* – tornou-c – ou *ce* – cbola);
- d) troca de *o* por *u* em monossílabos (*du* em vez de *do*) e em palavras com *o* postônico (*cedu* em vez de *cedo*);
- e) *c/* (com);
- f) *vc* (você);
- g) *pq* (porque).

Obviamente, há muitas outras estratégias de abreviação e foneticização da escrita na exibição do *Telecine Cyber Movie*, porém a lista se refere apenas às mais freqüentes.

Contudo, a criação dessa sessão especial não é um consenso entre especialistas da língua e internautas. Apesar de ter sido desenvolvida visando a este público, muitos deles consideram que a transposição de uma linguagem de um veículo (o computador) para outro (a televisão) é um grande perigo à integridade da língua portuguesa.

Diferentemente do ambiente de *chats*, *blogs* e *e-mails*, quando deslocamos o *netspeak* para a televisão, retiramos o poder de escolha do usuário, neste caso, o telespectador. Na net, há a opção de usar ou não aquela linguagem, ou seja, é o internauta quem produz o texto, é ativo. Veremos, mais adiante, que muitos dos usuários da Internet se recusam veementemente a usar tal linguagem. Por ser a televisão um meio de comunicação cujo conteúdo é absorvido passivamente, a única escolha possível é a de assistir ou não a determinada programação.

Apesar de todas as polêmicas acerca da sessão, que continua com exibição em todas as terças-feiras, às vinte e três horas, o diretor da Rede Telecine, o português João Mesquita, relata que, após a criação do *Cybermovie*, houve um aumento de trinta por cento sobre a quantidade de espectadores da sessão.

A invasão do Internetês não se limita às sessões do *Cybermovie*. Cada vez mais, esse tipo de linguagem se difunde, principalmente no mundo dos jovens. A seguir, veremos outros casos em que ela vem sendo praticada.

3.3.2

As histórias em quadrinhos

Maurício de Sousa, criador da *Turma da Mônica*, também está a par das mudanças ocorridas na linguagem por influência da Internet.

Em novembro de 2004, surge Bloguinho, garoto especializado em Internet, com seu vocabulário composto por caracteres cifrados e palavras abreviadas. Vejamos alguns trechos da primeira história da qual participou esse novo personagem:

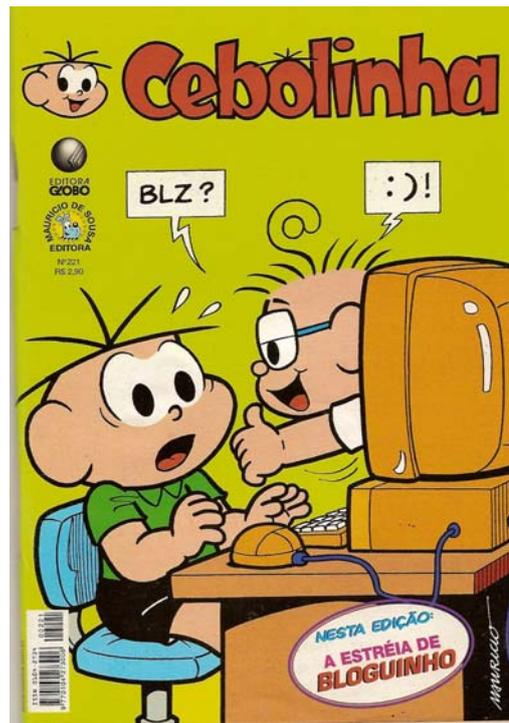


Imagem 2 – Primeira aparição de Bloguinho

Percebemos que, já na capa da edição 221, podemos encontrar algumas características próprias da linguagem da Internet, como a abreviatura da palavra *beleza*, representada por *blz*, e o uso do *emoticon* :), que demonstra o estado de espírito de quem *tecla*.

Além dessas características, ainda percebemos que o cabelo de Bloguinho tem o formato de uma arroba, sinalizando que ele é fascinado pelo mundo virtual da *web*; e ele usa óculos, que acabam por denotar um estereótipo do usuário de computadores, como meninos estudiosos, com nível intelectual acima dos demais, muitas vezes excluídos pelos outros meninos.

Na imagem a seguir, veremos a primeira aparição de Bloguinho em uma história de Maurício de Sousa.



Imagem 3 – Apresentação do personagem

O título da história, Internetês, insere o leitor no assunto que, para alguns, pode ser novidade, já que é a primeira vez que esse tipo de linguagem aparece na Turma da Mônica.

A entrada do personagem se dá da mesma forma que a de um usuário no momento em que entra em um *chat*. Quando Bloguinho começa a falar, Cebolinha não entende – é interessante notar que a representação da fala como linguagem de Internet só é possível nos quadrinhos, não permitindo, por exemplo, uma encenação, já que só se identifica o Internetês na escrita.

Primeiramente, Cascão também não compreende do que se trata o “idioma” do novo personagem, mas, após esclarecimento por parte do próprio Bloguinho, ele acaba entendendo que aquela é a linguagem da Internet.

Toda essa primeira história é feita didaticamente, a fim de explicar aos leitores como se desenvolve essa linguagem, com Cebolinha representando aqueles leitores que não têm familiaridade com a Internet e Cascão os que já têm um pouco de familiaridade com o gênero.

Bloguinho só vem a aparecer novamente nas histórias de Maurício de Sousa um ano depois, na edição 233. Nessa revista, há uma importante diferença em relação à anterior: há um “Pequeno dicionário de Internetês”. Vejamos:



Imagem 4 – Pequeno Dicionário de Internetês

Há dois indícios de que houve um estranhamento por parte dos leitores da Turma da Mônica ao personagem Bloguinho: um é o grande espaço de tempo que o personagem ficou longe das histórias: 12 edições; o outro é a criação de um dicionário para o auxílio ao entendimento das histórias em que esse novo personagem participa. Vejamos duas páginas dessa nova edição em que Bloguinho participa:



Imagem 5 – Bloguinho e outras abreviaturas

Nessa edição, aparecem mais termos próprios da Internet, e a variação de estratégias abreviativas é maior, pois vemos desde a utilização de *h* representando acento agudo até *k* para substituir *qu*.

A terceira e última aparição de Bloguinho até o momento ocorreu na edição 235, apenas duas revistas após a segunda:

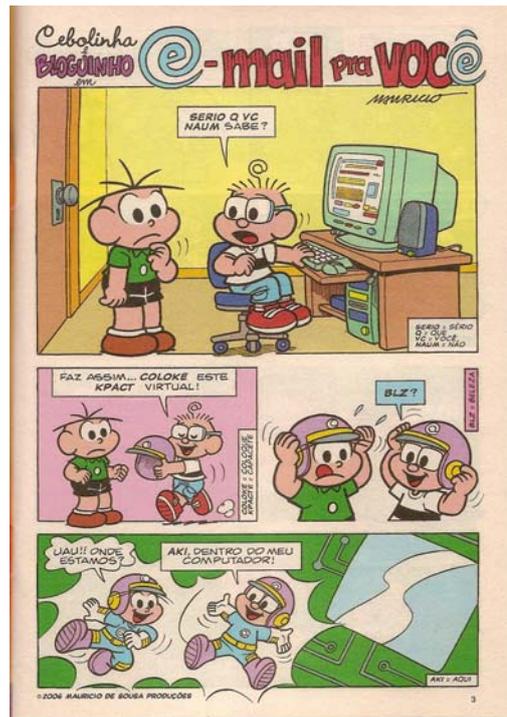


Imagem 6 – Última participação de Bloguinho

Nessa última edição, não foi colocado um dicionário de Internetês como na edição 233.

Percebemos que, nos quadrinhos, a inserção da linguagem da Internet se dá de maneira tímida, já que, em 14 edições, sendo cinco revistas diferentes em cada edição (1 gibi da Mônica, 1 do Cascão, 1 do Chico Bento, 1 do Cebolinha, 1 da Magali), num total de 70 revistas, só houve três ocasiões em que o personagem Bloguinho participou de forma significativa. Ele participou esporadicamente de outras edições, porém sem qualquer influência na história principal, apenas “fazendo ponta”.

A transposição de uma linguagem própria de um ambiente para outro não é tão simples como possa parecer. Como vimos, a participação de um personagem que utiliza a linguagem da Internet parece não ter sido bem aceita entre os leitores de quadrinhos, embora a maioria deles conheça e utilize esse tipo de linguagem, o que nos faz pensar na questão da adequação do discurso ao meio. Pode ser que, futuramente, o personagem faça sucesso e aumente sua participação nas histórias da Turma da Mônica, porém, até o presente momento, não é o que acontece.

David Crystal acha que as abreviaturas só têm uma função de identificação de grupo dentro de seus ambientes próprios:

... há pouca motivação para se usar essas formas [abreviadas] em outras situações. Elas perdem sua função ‘bacana’, de identificação de grupo, quando são retiradas da tecnologia, seja o telefone celular ou o computador. (Crystal, p. 91-2)

Contudo, como vimos na seção anterior, o diretor da rede Telecine diz que as sessões do Cybermovie têm atraído bastante público. Insisto na idéia de que o *netspeak* faz mais sucesso, é mais aceito, quando os usuários da Internet são seus produtores, pois se sentem ativos, livres para escolher entre um e outro caminho, o que não ocorre quando um meio de comunicação lhes impõe aquela linguagem.

3.3.3 Outras ocorrências

Além dos filmes e dos quadrinhos, o Internetês está presente em outros produtos que permeiam o mundo dos jovens. Um exemplo são as embalagens das gomas de mascar *Chiclets*.

Na versão sabor Canela, encontramos uma abreviação com aproximação fonética da letra K, recurso bastante utilizado pelos internautas. É utilizada a forma *Knela* em lugar de *Canela*. Vejamos:



Imagem 7 – Chiclete de canela

Porém, essa não é a única estratégia de abreviação encontrada no produto. Na parte superior da embalagem, vemos a frase: “Com + tempo de sabor”, em que o símbolo + substitui a palavra *mais*.

Se analisarmos outros sabores da goma, como morango, ainda encontraremos referências claras à Internet:



Imagem 8 – Chiclete de morango

O sabor é descrito como e-mor@ngo, em que a arroba e o cursor remetem à Internet.

Tanto no sabor canela quanto no morango, a Adams, empresa responsável pela fabricação da goma de mascar, tenta atrair seu público-alvo, na grande maioria composto por adolescentes e crianças, através de uma linguagem que julga ser própria deles. Prova disso é a utilização da denominação *uva hip-hop* para o sabor uva, já que esse gênero musical se espalha atualmente cada vez mais depressa entre os jovens.

Vimos, nas três últimas seções desta pesquisa, que, seja por marketing ou não, a linguagem da Internet já é uma realidade no mundo dos jovens, espalhando-se, por consequência, entre as outras faixas etárias da população. Será, então, que ainda há a possibilidade de classificarmos esse tipo de linguagem como errada, como fazem muitos professores, gramáticos e leigos?

Os capítulos seguintes desta dissertação tentarão mostrar por que não podemos ignorar nem reprimir essa nova linguagem que se apresenta como uma nova forma de comunicação.